

SELEÇÕES EM FOLHA

mfmenez@ig.com.br

Ano X, Nº 03 – 2006, MARÇO

Assinatura até Dezembro de 2006: 09 selos postais de 1^o Porte Nacional Não-comercial (R\$ 0,55) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Yo no puedo olvidar nunca la mañanita de otoño en que le salí un retoño a la pobre rama trunca. La mañanita en que, en vano, junto a la estufa apagada, una niña enamorada, le tendí al viejo la mano.

Ya sé: de carne se puede hacer una flor: se puede, con el poder del carifó, hacer un cielo, – y un niño! De carne se hace también el alacrán; y también el gusano de la rosa, y la lechuza espantosa.

José Julián Martí 1853-1895, de Versos Sencillos XIV e XXXVI, José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Hão de chorar por ela os cinamomos, murchando as flores ao tombar do dia. Dos laranjais hão de cair os pomos, lembrando-se daquela que os colhia. As estrelas dirão: – “Ai! nada somos, pois ela se morreu silente e fria...” E pondo os olhos nela como pomos, hão de chorar a irmã que lhes sorria. A lua, que lhe foi mãe carinhosa, que a viu nascer e amar, há de envolvê-la entre lírios e pétalas de rosa. Os meus sonhos de amor serão defuntos... E os arcanjos dirão no azul ao vê-la, pensando em mim: – “Por que não vieram juntos?”

Nem sempre vertendo lágrimas nós choramos, o choro às vezes nem se fica percebendo. No peito as dores máximas nós abafamos, nosso coração suporta mesmo sofrendo. As palavras do sentimento que expressamos doem muito mais naquele que o está vivendo. Embora calmo o semblante que aparentamos, só a pessoa sabe o quanto está sofrendo. Daí porque se lhe perguntam *como vai*, sabendo de antemão que um drama está vivendo, não se surpreende se ouve: *estou sofrendo*. Por isso a gente se recolhe, se retrai, pois muita falta quem partiu está fazendo; sem amor, sem companhia, ele está sofrendo.

Longevidade que chegou pausada, e ao que sou grata, exuberantemente, pois que chegando ao fim da caminhada, amando a vida, envelheci contente. Cabeça branca e de feição mudada, das galas todas deste mundo ausente, que mais desejo da existência? Nada. No entanto, ainda reverentemente. Sem que rogasse, ou que jamais pedisse, contrita, humilde, e ungida de emoção de Deus recebo o prêmio da velhice. Que me concede, na maturidade, esse consolo da recordação e a imensa graça de sentir saudade...

Alphonsus de Guimaraens, Hão de Chorar por Ela...; em Grandes Sonetos da Nossa Língua, José Lino Grünewald, Ed. Nova Fronteira, Rio de Jan., RJ, 1988.

Gilson Rangel Rolim, Chorando no Coração; de O Tempo Nem Me Viu Passar, 2004. Endereço do Autor: Rua Domingues de Sá 222. Apto. 901, 24220-091 – Niterói, RJ

Palmyra Rotundo de Carvalho, À Minha Velhice, em II Coletânea Komedí 1998 – Gentileza de Marli José Rodrigues de Sá

A primavera me volta neste outono já da idade, quando minha alma se solta e vai buscar a saudade. Anita Thomaz Folmann . 12.01.06, As Menores Poesias do Mundo ao Seu Alcance, Edição 22.11.96

Quando o orgulho é o timoneiro das viagens da paixão, qualquer que seja o roteiro, não encontra a direção! Elizabeth Souza Cruz, 0601 Bali – Letras Itaocarenses bali@okinternet.com.br

Eu nunca vi esqueleto criticar a cor de alguém; a terra que come o preto devora o branco também! Hildemar A. Costa, 0503 O Pitiguari, Rua Guanabara 542 59014-180 – Natal, RN

Não choro o tempo perdido num caminho mal traçado; o que já foi percorrido, bem ou mal foi caminhado... Istela Marina Lima, 0602 Trovia alw@mgalink.com.br

Faça todo o bem agora! Faça hoje, não retarde! Bem depressa passa a hora! Amanhã pode ser tarde! Maria Bicalho Parreiras Randt., 0602, Trovalegre: Caixa Postal 181, 37550-000 – Pouso Alegre, MG

Na sinfonia da vida nada consegue igualar toda a ternura contida numa canção de ninar. Newton Meyer, de Trovas do Ano 2005: Av. D. Casias 221 37550-000 – Pouso Alegre, MG

TEMAS DA SAZÃO OUTONO – QUIDAIS DE OUTONO

Criança feliz mãe dando-lhe de presente casal de codornas.	Jandia impaciente... porta e janelas abertas... pés acorreatos!	Esquilo almoçando. Sentado perto do ninho rói as avelãs.	Alta quaresmeira. Menino com sua escada... frutos na sacola!	No Dia do Turismo crianças fazem turismo ao redor da casa.	Uva madura, reunião da família sabor de prazer.	Casal descansa. Um futuro promissor: – o celeiro rico.
--	---	--	--	--	---	--

IPÊ SAUDOSO – Anita Thomaz Folmann, falecida em 12 janeiro de 2006 – ROSA SAUDOSA

Ah! o céu escuro, um crepúsculo de sinos. Via-láctea longa... Agostinho José de Souza	Neblina invisível vai caindo sorradeira... Suspeito dos óculos. Fernando Vasconcelos	No abacateiro dezenas de abacates. Colheita farta. Helvécio Durso	Um pé de romã e na sombra um cachorro escapa do sol. João Batista Serra	Últimos retoques, casca de milho na mão. Pamonha embalada. Manoel F. Menendez	Lilás, brancas, rosas... Na varanda, multicores. Flor-de-maio em março. Nadyr Leme Ganzert	Ao clarão da lua, viajor solitário canta cantigas de amor. Olíria Alvarenga
---	--	---	---	---	--	---

HAICUS E M FOLHA

Tem nuvens de outono espalhadas pelo céu, formando carneiros. J Ailson Cardoso de Oliveira	Laranjal em flor e os passarinhos cantando celebram banquete. M Alba Christina	No pomar as frutas, pelo ar o vento brando, e a nuvem de outono. Q Alba Christina	Frutas gostosas: bananas e tangerinas. Faltou a laranja. Q Alda Corrêa Mendes Moreira	As nuvens de outono, formando estranhas figuras, navegam no céu... A Amália Marie Gerda	Moscas outoniças, esvoaçando endiabradas, infernizam casas... J Amália Marie Gerda	No quintal vizinho passarinhos beliscando laranjas caídas. E Analice Feitoza de Lima
Cenário de tarde. Rosada nuvem de outono coroa a montanha. M Angélica Villela Santos	Balançando o rabo a vaca afugenta mosca outoniça. Q Cecy Tupinambá Ulhôa	No pé de laranja, caixa de marimbondo. Ninguém se atreve. Z Cecy Tupinambá Ulhôa	Cascas de laranja secam num pote de vidro. Perfume na casa. H Darly O. Barros	Janela do quarto. E no céu azul a dança das nuvens de outono. H Darly O. Barros	Também solitária, vagueia a mosca outonal. Silêncio no quarto. Q Darly O. Barros	Perfume no ar: são as flores da laranja – gostoso demais! Q Denise Cataldi
Pingentes dourados bailando ao toque do vento... Laranjas maduras!... B Elen de Novais Felix	Ao cair da tarde, pequenas nuvens de outono passeiam no céu. E Elen de Novais Felix	Zumbido infernal quebra o silêncio da casa... Moscas outoniças. M Elen de Novais Felix	À sombra da árvore, menino chupa laranja. Careta danada. J Manoel F. Menendez	Pela manhã as nuvens de outono esgarçando-se. Q Manoel F. Menendez	Vagueia, sozinha, e não toca em nenhum prato. Mosca outoniça. Z Manoel F. Menendez	Nuvem esgarçada, por vento sempre soprando, nuvem de outono. Q Maria App. Picanço Goulart
A mosca outoniça sobrevoa no pomar. Tempo de colheita. M M ^o Marlene N. Teixeira Pinto	No balcão, as frutas deixam odores pelo ar. Atração às moscas. Q Nadyr Leme Ganzert	Céu enganador. Pesada nuvem de outono. E a chuva não vem! Q Nadyr Leme Ganzert	Nuvem outonal cobre o dia ensolarado. Sombra repentina. B Renata Paccola	No cesto de frutas, laranja se sobressai. Natureza morta. B Renata Paccola	Pela mesa farta, passeia, sem rumo certo, a mosca outoniça. E Roberto Resende Vilela	Olhar concentrado. Laranjas amaduradas nos galhos arqueados. Z Roberto Resende Vilela

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só praticando*. Não há outra opção: comece já! Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

SELEÇÕES MENSASIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.03.06, quigos à escolha: Dia de São Pedro, Paina, Quentão.

Remeter até 30.04.06, quigos à escolha: Carrapato-pólvora, Ipê roxo, Xale.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132 01150-011 - São Paulo, SP

ou mfmenez@ig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

T E R C E T O S D I V E R S O S

Vou de avião. No Dia do Turismo, vou ver amigos.	No final da festa uma libélula triste namorando o aquário.	Sardinhas navegam... ...nos labirintos do mar... ...imenso castelo...	Espiral do tempo que contém todo espaço. Nossa Via-láctea.	A noite desfila envolta em seu negro véu, estrela cadente.	Como é belo o campo salpicado de algodão. União alviverde.	Tronco espinhoso na maciez dos frutos. Abraçar paineiras.
Agostinho José de Souza	Alba Christina	Amália Marie Gerda	Amauri do Amaral Campos	Analice Feitoza de Lima	Angélica Villela Santos	Carlos Roque B. de Jesus
Louva-a-deus pousada na ponta do galho seco. - Que bicho esquisito!	Borbulhas nas taças sumo de uva moscatel adoçando a vida...	Ralar as espigas dá trabalho mas compensa: pamonha gostosa.	Junto ao pão, no altar, farto milagre de vinho bênçãos de Deus. Uvas!	Num vôo ligeiro pica-pau deixa a porteira. Mundo carrancudo!...	A codorna piando ovinhos rajados lindos anuncia ao bando?	Dia do Turismo: vamos todos para a estrada... Que maravilha!
Cecy Tupinambá Uilhôa	Darly O. Barros	Djalda Winter Santos	Elen de Novais Felix	Ercy M. M. de Faria	Fernando L. A. Soares	Flávio Ferreira da Silva
O poeta reflete. Hoje é Dia da Poesia. Salve os poetas.	Natureza morta, defronte à mesa da sala. Cesta de poncãs...	No quintal de casa, um pé de laranja-lima. - As frutas são raras.	Cena cor da paz, branco aqui, branco acolá, algodão em flor.	Comi tamarindo no meu tempo de criança. Eu era feliz!	De leques abertos a árvore-do-viajante é sempre solícita.	Caquis madurinhos! Pássaros bicam e bicam... - O espantinho? É amigo...
Helvécio Durso	Hermoclydes S. Franco	Humberto Del Maestro	João Batista Serra	Jorge Picanço Siqueira	Leda Mendes Jorge	Leonilda Hilgenberg Justus
Folhas amarelas vão caindo como lágrimas e eu quem fico triste...	Com tantos carochos criança de mãe medrosa não saboreia pinha.	Malvada sardinha!! - Cheirinho bom e... saudade da santa terrinha!...	Crianças nos galhos se empanturram de poncãs. Amanhã, lembranças!	Criança chorando. Na rua a forte neblina dá medo, e quanto!...	No fruto maduro, bicadas formando renda. Sanhaço contente.	Manhã perfumada... Manacá florido evoca o primeiro amor.
Luis Koshitiro Tokutake	Maria App. Picanço Goulart	Maria Madalena Ferreira	Nadyr Leme Ganzert	Olíria Alvarenga	Regina Célia de Andrade	Walma da Costa Barros

A mocinha reclamou, mas, o ceguinho, no baile, passando a mão, explicou: - A minha dança é em braile!	Se hoje a vida te intimidada, não te acanhes de o dizer... - só não tem medo da vida quem não sabe o que é viver!...	Nosso amor, assim sereno, no seu jeito faz lembrar, a canção de riacho ameno entre pedras a rolar...	O resmungar do meu neto, aos meus ouvidos de avó, é doce canção de afeto feita de uma nota só!...	Pode ser que necessites ser covarde alguma vez, pois coragem, sem limites, não passa de estupidez!	Pondo bom senso no meio quando surge a indecisão, o medo parece um freio a pedir calma e atenção...
Angélica Maria Villela Santos	Carolina Ramos	Domitilla Borges Beltrame	Ercy Maria Marques de Faria	Gerson César Souza	Héron Patricio
Coragem não é domar qualquer animal feroz... Coragem é dominar as feras dentro de nós!!!!	Gostei de dançar contigo a umbigada, <i>seo</i> prefeito. Só não sabia que o umbigo era grande desse jeito!	Parece até uma ironia!... Mas o medo é o meu escudo... e, ao ver tanta covardia, eu tenho medo de tudo!	Caio, levanto-me e sigo! Mal sabem que esta coragem é apenas meu medo antigo, usando nova roupagem!	Tua beleza invulgar põe em conflito, em meu ser, a ventura de te amar e o medo de te perder!...	Idosa, vai devagar, anda de cá, para lá, canta a canção de ninar, nunca foi mãe, só babá.
Hudson de Almeida	Jaime Pina da Silveira	José Messias Braz	José Ouverney	José Tavares de Lima	Lygia Gomes de Pádua
Mostra bem mais que coragem quem, na fonte do poder, não sorve o doce vantagemem, prefere o amargo dever.	Ante a jovem da cidade o velho virou moleque, mas quem dançou, de verdade, foi o seu talão de cheque!!!	A dança foi um colosso tão evidente, que até alguma coisa no moço, também aplaudiu de pé!...	Quero a ousadia dos bravos para vencer preconceitos e a coragem dos escravos de lutar por seus direitos!...	Meu medo é, estando coberto de imperfeições e fraquezas, não saber se estou bem certo das minhas próprias certezas.	Carreiteiro!... Ao teu ouvido, como divina trombeta, é uma canção o rangido da tua velha carreta!...
Maria Helena Calazans M. Duarte	Neide Rocha Portugal	Regina Célia de Andrade	Rodolpho Abbud	Sérgio Bernardo	Waldir Neves

XXVIII Jogos Florais de Pouso Alegre – Concurso entre Os Notáveis Trovadores – VI Concurso entre Assinantes de Trovaregre em Trovaregre 0512 e 0601, Caixa Postal 181, CEP 37550-000 – Pouso Alegre, MG

A P E R S E V E R A N Ç A D O G Ê N I O

Renato Kehl, de Psicologia da Personalidade, 1957, 7ª Edição, Livraria Francisco Alves

(conclusão do número anterior)

Conquanto já vislumbra-se, desde a mocidade, a variabilidade das espécies, cujas causas não tinham sido, antes dele, formuladas, partiu no “Beagle” ainda sob a impressão tradicional da *fixidez das espécies*, consideradas produções imutáveis da natureza e objetos de criações especiais. O livro do célebre geólogo Lyell, que levava para ler durante a viagem, no qual era contraditada a teoria das revoluções no globo, dos cataclismos destruidores de flores e faunas, segundo a concepção de Cuvier, trouxe-lhe novas luzes sobre a variabilidade.

Verificações importantes levaram-no, pois, a abandonar o dogma da *criação independente das espécies* e a admitir a transformação gradual e evolutiva, segundo as observações de Lyell, no tocante aos longos períodos geológicos. Passando das regiões tropicais às temperadas e destas para as frias, notou que as espécies eram substituídas por outras diferentes, mas vizinhas: que um número imenso de indivíduos morre antes de reproduzir-se; que todos os seres são forçados a sustentar luta para subsistir, ou seja opor-se à morte que os espreita desde que nascem; que isto significa *struggle for life* (combate pela vida), agente de seleção *natural* entre as espécies, segundo a qual são escolhidos os indivíduos destinados à reprodução; que as variações, apresentando caracteres que lhes permitem resistir à morte e lutar com vantagem contra as causas de extinção, serão poupadas; que estas transmitem, por hereditariedade, a seus descendentes, os caracteres que lhes valeram como reprodutores; que se dá, deste modo, o que Spencer, posteriormente, denominou de “sobrevivência dos mais aptos”.

Sob este critério luminoso Darwin esclareceu, em definitivo, que “*somos filhos da natureza, em permanente trabalho para viver e subsistir*”.

Com os seus trabalhos provocou a maior revolução até hoje efetuada nos domínios do pensamento; impôs aos espíritos emancipados da rotina o conceito da evolução, de extraordinária influência sobre todos os postulados da biologia, da filologia, da sociologia, da filosofia, da história, do direito e da própria moral. A influência da teoria de Darwin sobre a biologia foi considerada maior do que a de Newton em relação às ciências físicas. Como disse Lameere, “destacando o homem da divindade ele o enobreceu e lhe forneceu as bases duma moral mais elevada, fundada sobre a fraternidade real”.

Em conseqüência das teorias darwinianas resultou um “novo pensamento” científico que, sumariamente, exprimimos nos seguintes itens: a) os cientistas, em geral, habituaram-se a raciocinar segundo o senso e o método transformista; b) a noção da universalidade dos fenômenos estendeu-se ao sistema

filosófico; c) as ciências sociais encontraram raízes naturais na biologia; d) o culto das divindades foi substituído pelo da humanidade; e) surgiu, por fim, graças a Galton, primo de Darwin, a ciência do melhoramento racional da espécie, pelo fomento da paternidade digna e restrição da proliferação indesejável ou seja a eugenia.

Tais foram as reformas decorrentes da concepção darwiniana que o ciclo dos quarenta anos, compreendidos de 1860 a 1900, mereceu a justa denominação de “era Darwin”.

Compreendem-se as lutas que então se desencadearam nos domínios científicos e, mais ainda, nos terrenos adubados pelo fanatismo religioso. Não houve ultrage nem calúnia que não fossem vomitados sobre Darwin. Teve contra ele uma legião de inimigos. Não obstante lutou, sem esmorecimento, para vencer a tradição clássica dos naturalistas, a imprensa ultra-montana, o dogmatismo dos textos, o sectarismo, os desdens, as ridicularias dos ignorantes e, sobretudo, a crítica desabusada e pseudo-científica dos antropocentristas. Mesmo nas universidades mais conhecidas da Inglaterra, as suas teorias provocaram violentas explosões de mestres e alunos, a ponto de ser taxado de charlatão, juntamente com Huxley, seu partidário.

Na memória apresentada por Darwin à Sociedade Linneana de Londres não havia qualquer alusão à origem do homem. Algumas obras de divulgação científica, entretanto, deixaram entre os leigos a impressão que Darwin pregava a teoria pura e simples de que o homem descendia do macaco, do que redundou violentíssima campanha de difamação e de descrédito, a ponto de suas teorias serem qualificadas “de falsa ciência”, “de hipótese sem fundamento”, “de impostura”, “de filosofia brutal”, “de premissas sem provas”, “de massa de mentiras”, “de teorias tenebrosas”, “de doutrina infame”, “de caricatura da criação”.

Até Carlyle, contaminado pelo ambiente hostil, declarou-o “apóstolo da religião da lama”.

Só em 1871, após receber ainda os epítetos de *falso*, de *ímpio* e de *escandaloso*, é que Darwin publicou o livro “Descendência do Homem”, em que abordou o assunto que provocara, antecipadamente, tamanha celeuma. O ruído tornou-se então maior; o exército inimigo voltou à carga, porém com menos coragem, porque já então a nova doutrina havia agregado um número apreciável de cientistas, devotados a estudos e a pesquisas criteriosas, muitos dos quais concordaram com as idéias básicas de Darwin, entre eles se salientando Spencer, Wallace, Huxley, Galton, Tyndall, Taylor, Lubbock, Bagehot, Lewes, na Inglaterra, além da notável e devotada plêiade de cientistas encabeçados por Haeckel e Mueller na Alemanha os quais fizeram calar os mais usados oposicionistas.

Resistiu imperturbável à violência dos ataques difamatórios, ao ridículo, às acusações malévolas com inabalável confiança nos seus destinos, sem demonstrar o menor movimento de cólera ou de desencorajamento, mesmo quando nos jornais apareciam artigos que o denominavam de cínico e de amoral e a sua doutrina de “ciência bárbara”.

Darwin destacou-se entre os super-mentais pelas qualidades apontadas de perseverança e de fé no seu nobre idealismo. A oportunidade da viagem de circunavegação decidiu da sua vocação de naturalista e facultou os recursos para dedicar-se, proficuamente, não só às pesquisas de seu gosto, como à elaboração de sua doutrina.

Durante mais de vinte anos lutou, apaixonadamente, por um objetivo certo; trabalhou em silêncio, sem quaisquer preocupações materiais, nem desejo de rápida notoriedade.

Ao disseminar a nova doutrina, os pesquisadores de vários ramos da ciência voltam-se perplexos ao novo astro que desponta; iniciam-se as elocubrações racionalistas em torno da evolução humana, até então entregue à enfermicha lógica dos místicos. Nenhum acontecimento logrou tamanho destaque, influência e repercussão no mundo intelectual.

Os maiores absurdos, como era natural, foram ditos sob a sua responsabilidade. O gênio recatado continuou vítima de ataques apaixonados e de uma publicidade malsã e escandalosa.

Naquela época, como acontece ainda hoje, ao se perguntar a qualquer pessoa, mesmo culto, como observara, há tempo, um professor universitário – “que é darwinismo?” nove vezes sobre dez ouviam-se a seguinte exclamação: “Ora... darwinismo... eu sei... o homem descende do macaco”!

Com a teoria darwiniana dá-se o mesmo que com a ciência de Galton ou eugenia, confundida com ginástica, puericultura, plástica e calipedia!

A grande maioria dos que lêem, mesmo entre os que presumem saber ler, desconhece tanto *lamarkismo*, *darwinismo*, como *eugenia*, a despeito das inúmeras obras espalhadas por toda a parte e da transcendência que representam para a formação intelectual e descortínio em qualquer terreno científico.

Darwin foi uma das maiores vítimas da *ignorância presunçosa*, da publicidade leviana, da intolerância não só pública, como de certos homens de ciência que, por ironia, agrediam exatamente o mais sincero e recatado dos cientistas, o pesquisador de boa fé, inimigo das generalizações apressadas, das conclusões prematuras, do cientista que dificilmente se satisfazia com os melhores dados e fatos colhidos, na expectativa de que o tempo se encarregasse de decidir sobre o valor ou desvalor de suas concepções.

